



O LEGADO DE PADRE IBIAPINA NO NORDESTE IMPERIAL E A FUNDAÇÃO DAS CASAS DE CARIDADE

Gilson Lopes da Silva¹

RESUMO: Neste trabalho, que se insere na História Cultural, analisamos as ações realizadas por Padre Ibiapina na região Nordeste durante o século XIX. José Antônio de Maria Ibiapina nasceu em Sobral (CE). Atuou na política e advocacia e aos 47 anos de idade tornou-se sacerdote, peregrinando pelos sertões do Nordeste e empreendendo ações que visavam melhorar a qualidade de vida nas cidades e vilas por onde passou, construindo açudes, cemitérios, capelas e Casas de Caridade. Padre Ibiapina destaca-se como símbolo de um catolicismo voltado para as necessidades do povo, minimizando as dificuldades e sofrimentos da população carente do sertão nordestino e as Casas de Caridade, instituições fundadas para o acolhimento e a formação de meninas sertanejas pobres e órfãs, representam o ponto central da obra edificada pelo missionário.

Palavras-chave: Padre Ibiapina. Missões. Catolicismo popular. Casas de Caridade.

Introdução

José Antônio de Maria Ibiapina, o Padre Ibiapina (1806-1883), nasceu em Sobral (CE), foi deputado, advogado e juiz de direito. Aos 47 anos abandona a vida civil e se torna padre decidindo peregrinar pelos sertões do Nordeste evangelizando, promovendo ações socioeducativas e colaborando com o desenvolvimento de muitos municípios por meio da construção de açudes, cemitérios, capelas, cacimbas, igrejas e Casas de Caridade.

Suas missões mobilizavam as populações por meio dos rituais religiosos e mutirões de trabalho organizados para a execução das construções. Essas ações, permeadas pela caridade cristã, socorriam os sertanejos minimizando os impactos das dificuldades emergentes ao

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação/UFRN e professor do Curso de Pedagogia da Faculdade do Complexo Educacional Santo André (FACESA – ASSÚ/RN). E-mail: gilopes2000@hotmail.com



mesmo tempo em que executava ideais de civismo e produtividade. O período de atuação missionária do Padre Ibiapina é marcado pela situação de miserabilidade e flagelo social ocasionados pelas sucessivas secas, que provocavam movimentos migratórios para as províncias.

As Casas de Caridade figuram como suas principais obras e congregavam um ideal de vida à ser seguido pelas irmãs e acolhidas pautado num regimento interno elaborado pelo próprio Padre Ibiapina e orientado na moralização, no trabalho e nas noções de civilidade, disciplina, utilidade social e educação doméstica. Da Casa de Caridade de Santa Fé (Solânea - PB) o missionário acompanhava as outras instituições comunicando-se por cartas com as superiores das demais Casas. Durante seu itinerário de peregrinação foram construídas vinte e duas instituições de acolhida e formação feminina nas províncias do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

Neste trabalho analisamos a importância do catolicismo popular de Padre Ibiapina que se manifestou nas missões empreendidas nos sertões da região Nordeste, destacando como principal símbolo das missões do sacerdote a fundação das Casas de Caridade.

Como referencial teórico trabalhamos com a História Cultural por considerarmos a importância de suas contribuições a partir de 1960 nas pesquisas que dão ênfase à socialização da cultura e destacam uma abrangência de temas relacionados à linguagem, às representações e às práticas culturais, entre elas as educacionais, efetivadas pelos seres humanos em interação uns com os outros e em sua relação com o mundo. O estudo das práticas e representações, principalmente, vem possibilitando novas perspectivas nas pesquisas historiográficas pois permitem, quando articuladas, visualizarmos um conjunto de fenômenos culturais e das representações sociais que manifestam-se em palavras, sentimentos e condutas e institucionalizam-se a partir da compreensão das estruturas e comportamentos sociais.

Nos apropriamos da compreensão de História Sociocultural que, segundo Burke (2008), apresenta contribuições para a História Cultural e Social, mas que também sofre influências da junção dessas duas vertentes historiográficas, como é o caso de nosso trabalho onde investigamos o processo histórico e cultural empreendido por Padre Ibiapina e suas contribuições no campo social e educativo no sertão nordestino.

Para uma análise do contexto histórico-político e religioso da época utilizamos os trabalhos de José Oscar Beozo (et. al), História da Igreja no Brasil: Segunda Época – Século XIX, Tomo II/2 (Edições Paulinas, 1985) e Pedro Ribeiro Oliveira, Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil (Vozes, 1985).



Como procedimento metodológico realizamos levantamento bibliográfico e de fontes. Os textos fundantes são trabalhos de autores que pesquisaram a vida e as obras do Padre Ibiapina, como Carvalho (2008), Comblin (2011), Hoornaert (1981) e Mariz (1980), e material acadêmico. As fontes e documentos que utilizamos, a exemplo do Estatuto das Casas de Caridade, são provenientes do Santuário de Santa Fé, espaço localizado em Solânea (PB), construído no final do século XIX, que abrigou uma Casa de Caridade e atualmente funciona como um museu que preserva a memória do missionário.

Padre Ibiapina: uma vida marcada por ações públicas e pelas missões itinerantes

José Antônio Pereira Ibiapina nasceu em Sobral (Ceará) no dia 06 de agosto de 1806. Foi o terceiro filho de Francisco Miguel Pereira e Thereza Maria de Jesus. Teve sete irmãos. Segundo biógrafos, seu pai teria passado um período na Serra de Ibiapaba dedicando-se à agricultura e à educação de crianças. Da temporada nessa região é que teria se derivado o diminutivo Ibiapina ao nome da família. Em 1816 o pai de Ibiapina foi nomeado escrivão da vila de Icó que nesta época era um importante entreposto comercial e a vila mais populosa do Ceará. Nessa vila, Ibiapina e seus irmãos mais velhos são matriculados na escola primária do professor José Felipe. O menino destacava-se como uma criança inteligente; de porte físico pequeno e também recebia acompanhamento vocacional do vigário da Vila, Padre Domingos da Mota Teixeira, que acreditava na sua vocação sacerdotal.

No ano de 1819 seu pai foi nomeado tabelião vitalício da comarca do Crato (CE) e com a mudança os estudos de Ibiapina foram interrompidos, dando continuidade apenas à catequese e aulas de latim na Vila de Jardim. Depois que seu pai perdeu o protetor político na Vila, em 1823, a família se muda para Fortaleza. Nesse mesmo ano o menino segue para o seminário de Olinda (PE) e também ocorre o falecimento de sua mãe. Depois desse fato ele retorna para o Ceará. O pai de Ibiapina enfrenta problemas com as autoridades públicas por estar envolvido politicamente na Confederação do Equador, tendo seus bens confiscados. Seu irmão mais velho, Alexandre Raimundo Pereira Ibiapina, também envolvido no levante político, é preso. O pai é condenado a fuzilamento, que ocorre no dia 07 de maio de 1825, e o irmão enviado para a Ilha de Fernando de Noronha, local aonde viria a falecer. (NASCIMENTO, 2009).

Diante da dramática situação da família, Ibiapina, que havia retomado os estudos em Olinda, interrompe-os novamente e retorna para o Ceará para amparar os irmãos órfãos que, devido à precariedade da família, passam a receber auxílios de amigos paternos. Em 1828 ele



retorna para o seminário e leva suas irmãs mais novas, Ana e Maria José, para Recife. Ibiapina fica hospedado no Convento São Bento e abriga as irmãs no Recolhimento Nossa Senhora da Glória. No Convento, Ibiapina se matricula no curso de Direito e por uma incompatibilidade de horários entre o seminário e o curso opta pelo segundo, formando-se bacharel em Direito em 9 de outubro de 1832, aos 26 anos de idade. Dada a dedicação na defesa de sua tese “a Comissão Avaliadora solicita sua nomeação para o cargo de lente substituto de uma das cadeiras para assumir já no semestre seguinte”. (BEZERRA, 2010, p. 106).

Com o título de bacharel, Ibiapina retorna ao Ceará e se programa para lecionar em Pernambuco no ano seguinte. De volta à sua terra, concorre nas eleições para deputado federal e na mesma época fica noivo de Carolina Clareense. O casamento é marcado para o ano seguinte. No ano de 1833 está em Olinda lecionando Direito Natural e fica sabendo que foi eleito como deputado mais votado para representar o Ceará na Assembleia Legislativa Nacional no período de 1834-1837. Ao final do ano letivo retorna ao Ceará para casar com Carolina e depois viajar para o Rio de Janeiro para tomar posse na Assembleia Legislativa. Contudo, chegando a Fortaleza descobre que a noiva fugiu para casar com um primo. Segundo alguns de seus biógrafos, esse fato teria causado grande frustração e desilusão em Ibiapina e a partir daí nunca mais voltaria a falar em casamento.

No Rio fica sabendo de sua nomeação para o cargo de juiz de Direito e chefe de polícia da Comarca de Campo Maior (atual Quixeramobim/CE), cargos que assumiu depois dos trabalhos legislativos de 1834. Contudo, segundo Bezerra (2010), Ibiapina não permaneceu muito tempo como político e nem como juiz ou chefe de polícia, pois deparou-se com dificuldades no desempenho de suas funções “dadas as práticas retrógradas de resolução dos problemas da justiça onde trabalhou, decorrente dos desmandos das oligarquias locais, dos donos de engenhos”. (BEZERRA, 2010, p. 108).

Atua no Recife como advogado, mas também decidiu abandonar esse cargo, desfazendo-se de seus bens e passando a morar num sítio nos arredores de Recife vivendo numa espécie de retiro que durou três anos, dedicando-se à vida espiritual e ao tratamento da asma. Vende o sítio e vai morar no centro do Recife, época em que passa a frequentar regularmente o Convento da Penha, dos frades Capuchinhos. Depois do longo período de reclusão, estudos e meditação Ibiapina, contando com quase 47 anos de idade, decide por ordenar-se padre e recebe o presbiterato no dia 03 de julho de 1853 num processo ocorrido em menos de um mês, sendo dispensado do processo protocolar vigente.



Ficou na sede da Diocese atuando como professor do Seminário de Olinda e Vigário Geral. Em 1855 se consagra a Nossa Senhora e substitui o sobrenome “Pereira” por “Maria”, a partir daí assinando como José Antônio de Maria Ibiapina. Três anos depois inicia suas missões itinerantes percorrendo o interior das províncias do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. Nesse período, Padre Ibiapina depara-se com o sertão nordestino marcado por sucessivas secas, pelas dificuldades de comunicação com outras regiões e com a pouca importância econômica que lhe era atribuída pela Corte.

Esses e outros fatores determinaram o isolamento da região, dificultaram o processo de ocupação e acabaram fundando uma sociedade com características distintas em relação ao litoral. De acordo com Bezerra (2010, p. 93), no contexto político e econômico fraco e sem fortes reações “o nordeste passou a ser identificado como região problema, símbolo de atraso, e as próprias elites da região restringiram-se a apoiar grupos do Sul que estavam em franca luta pelo poder nacional”.

Ibiapina esteve entre os anos de 1856 e 1875 no interior das províncias de Pernambuco, Paraíba, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte mobilizando a população dos lugares por onde passava para a construção de igrejas, capelas, hospitais, açudes, cacimbas, cisternas, barragens, cemitérios, cruzeiros e Casas de Caridade. A ação do missionário nesses lugares era marcada pela organização de mutirões que contavam com a colaboração e participação das próprias comunidades, levando conforto para a população sofrida com suas palavras e atenção. As missões itinerantes mostravam-se como um alento e diminuía o sofrimento da população por meio da fé, da caridade e do trabalho.

Em lugares insalubres e com poucas perspectivas de melhorias de qualidade de vida, Padre Ibiapina voltou-se para o atendimento aos pobres, movido por uma caridade cristã, mas ao mesmo tempo preocupado com o atendimento moral, econômico e social dos miseráveis dos sertões. Nesse sentido, suas missões eram marcadas por princípios e rituais da ética religiosa cristã, embasadas num ideal de civismo e de moralidade pública, mas também congregavam grande quantidade de pessoas para colaborarem nas construções desempenhando aspectos importantes de produtividade. (NASCIMENTO, 2009).

As missões empreendidas por Ibiapina na região Nordeste não eram inéditas. Outros sacerdotes ligados a congregações religiosas europeias, como os capuchinhos, já desenvolviam trabalhos religiosos em espaços distantes das capitais. Contudo, o diferencial presente na obra missionária de Ibiapina pode ser destacado pelo alcance e a dimensão das ações que desenvolveu, percorrendo sozinho cinco províncias nordestinas, e pela prática



evangélica do seu trabalho que agregava os fatores religiosos de conversão aos aspectos de produtividade.

As incursões de Padre Ibiapina pelos sertões do Nordeste tinham a finalidade de construir “uma obra de assistência e educação, a fim de curar o operário e preparar para fins domésticos a mulher pobre dos sertões”, mostrando-se “profundamente preocupado em combater a ociosidade, a negligência, os vícios e os crimes” (MARIZ, 1980).

Nas regiões distantes da Corte, a realidade socioeconômica da população carente constituiu um motivo para a criação de um vínculo forte com o catolicismo popular nas celebrações místicas e no apego aos santos. Nesse contexto, destacavam-se figuras como Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e Padre Cícero, que congregavam grande aglomerado de pessoas em nome da fé salvacionista, marcada pela prática de romarias e construções pelo interior do país, como afirma Andrade (2002, p. 153):

Foi nas regiões mais interioranas ou nos sertões para onde era mais difícil atrair os clérigos que mais se disseminou o catolicismo popular ou rural. De fato, a situação de penúria de padres em certas regiões do país favoreceu o desenvolvimento de um catolicismo menos ortodoxo com a participação ativa dos leigos e beatos que investiam principalmente na criação de santuários domésticos e na organização de romarias para esses santuários.

De modo geral, as propostas de assistência e promoção social empreendidas por Padre Ibiapina são evidenciadas nas diversas construções que transformavam a vida das comunidades por onde ele passava, porém, as ações socioeducativas que também faziam parte de suas missões encontram sentido no funcionamento das Casas de Caridade.

As Casas de Caridade e a educação da mulher sertaneja

Padre Ibiapina construiu vinte e duas Casas de Caridade nas províncias de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. As primeiras no ano de 1860, em Gravatá do Jaburú (Atual Gravatá do Ibiapina/PE), e Santa Luzia do Mossoró (Mossoró/RN) e as últimas foram fundadas em 1872 em Cabaceiras e Campina Grande (PB). As instituições destinavam-se ao acolhimento de meninas enjeitadas e órfãs e moças pobres.

Bezerra (2010, p. 153), destaca que a preocupação em educar moças pobres e órfãs vinha desde o século XVIII “com a criação de instituições voltadas para educação e proteção das mulheres a fim de evitar que estas buscassem meios de sobrevivência nas ruas”. Na Bahia



havia sido criada a Ordem das Reformadas de Nossa Senhora da Conceição, que educava moralmente as chamadas mulheres equivocadas. No Rio de Janeiro a Irmandade da Misericórdia acolhia e educava meninas e no Recife havia a Casa dos Expostos e Colégio das Órfãs.

Enquanto essas comunidades aceitavam meninas e moças brancas, educadas para se tornarem mestras de colégios, as Casas de Caridade de Padre Ibiapina não apresentam registros ou relatos de tratamento ou educação diferenciada considerando a cor ou situação social das acolhidas. Pesquisadores da obra e da vida de Ibiapina afirmam que ele preconizou uma ordem formativa mais igualitária na medida em que teria feito uma “opção pelo pobre”. (SILVA, 1986, p. 75). Além disso, as Casas de Caridade ibiapinianas foram construídas distantes dos grandes centros urbanos, atendendo as carências imediatas das mulheres sertanejas.

As beatas, ou Irmãs da Caridade, davam instrução às moças e acompanhavam os momentos de oração. Quando as acolhidas atingiam a idade de casar, um membro do conselho externo, formado por homens das elites locais que colaboravam com a manutenção das Casas, escolhia um rapaz honesto, bom, cristão e trabalhador. Feita a escolha, os jovens eram apresentados e se os dois se agradassem o casamento era realizado por conta da instituição. No período em que estavam no recolhimento as jovens recebiam ensinamentos de primeiras letras, flores, labirintos e bordados. Esse modelo de educação tinha a preocupação de prepara-las para desempenhar funções próprias do lar, adquirindo habilidades características ao modelo de mulher, esposa e mãe. (PINHEIRO, 1997).

O Estatuto e o Regimento Interno das Casas de Caridade orientavam o funcionamento de todas as instituições e foi redigido pelo próprio Padre Ibiapina. O trabalho e a rotina, desde a educação, oração e o lazer, seguiam o controle e a vigilância do regulamento previsto pelo Padre que acompanhava as outras instituições a partir da Casa de Caridade de Santa Fé, em Solânea (PB), comunicando-se com as irmãs Superiores de outras Casas por cartas.

As instituições também poderiam receber pensionistas, moças de elite das regiões onde recolhimentos femininos funcionavam, que muitas vezes eram colocadas pelos pais para receber a mesma educação das órfãs e meninas pobres, sem regalias ou privilégios.

O Estatuto expressa uma organização muito clara da divisão do trabalho e do controle de tudo o que se produzia na instituição. Estava pautado pelos momentos de fé, oração e a prática da caridade e de um rígido cumprimento e respeito à estrutura hierárquica presente nas Casas, principalmente, na figura da superiora que mantinha grande controle sobre as internas, sabendo quem se negava ao trabalho e quem cumpria bem o seu dever. Ela contava com o



auxílio de um conselho das mulheres mais prudentes e discretas para deliberar sobre os meios de corrigir os maus costumes e ajudar no controle do trabalho e cumprimento das tarefas e corrigir possíveis problemas. (SILVA, 2015).

O Regulamento Interno definia o cotidiano das Casas, marcando o horário de acordar e se recolher, os rituais de comportamento, o asseio matinal, os horários das refeições e o direcionamento das orações e das tarefas de trabalho e de estudos. Numa das partes dos estabelecimentos funcionava a escola de letras, espaço onde as internas aprendiam a ler, escrever, contar, costurar, bordar, fazer labirinto e outras tarefas que se julgavam necessárias para a educação completa de uma mulher.

O processo de decadência das Casas de Caridade começou poucos anos depois do falecimento de Padre Ibiapina, que ocorreu em 19 de fevereiro de 1883 na pequena casa onde morava, construída vizinho à Casa de Caridade de Santa Fé, em Solânea/PB. O missionário passou sete anos sofrendo de asma e outras complicações. Nos dois últimos anos de vida, período em que seu estado de saúde se tornou crítico, ele já estava preso a uma rústica cadeira de rodas ou no próprio leito. Almeida (2014, p. 42), aponta alguns fatores que contribuíram para o desaparecimento das Casas de Caridade:

Podemos citar três elementos decisivos para a comunidade das beatas do Padre Ibiapina paulatinamente ir desaparecendo: a circunstância dele não ter conferido à sua comunidade um estatuto “jurídico” que lhe garantisse a sobrevivência após a morte do fundador; a falta de interesse por parte de muitos vigários; e a ausência de simpatia por parte dos bispos posteriores pela forma de vida religiosa das beatas. Pois apesar da Igreja respeitar o sacerdote e seus colaboradores jamais concordou em ver à frente de suas missões após a sua morte, as mulheres leigas da região.

De acordo com Nascimento (2009) a chegada de congregações religiosas femininas vindas da Europa, e que se espalharam por vários pontos do país, inclusive na região Nordeste, também tornou-se um empecilho para a continuidade do funcionamento das Casas de Caridade Ibiapinianas que não formavam uma congregação oficial, reconhecida pela Igreja Católica. Comblin (2011, p. 15), afirma que “tudo o que preexistia no Brasil foi considerado inapto para uma reforma verdadeira da igreja de acordo com o novo espírito que imperava em Roma”.

Apesar das Casas de Caridade terem encerrado suas atividades tão precocemente, o projeto socioeducativo proposto por Padre Ibiapina para a formação da mulher sertaneja constituiu-se paradoxalmente de um conservadorismo mantenedor do papel destinado à mulher na sociedade – na figura da boa mãe e esposa, mulher de hábitos rigorosos e



comedidos – mas também mostrou-se importante e significativo porque imbuía a figura feminina de uma progressista visão de modelo educacional numa época em que eram raros os estabelecimentos para a educação de mulheres.

Nascimento (2009) observa que as mulheres das Casas de Caridade “não aparecem como ‘exploradas’ ou servindo como ‘exército de reserva’ no desempenho de suas funções”. Ao contrário disso, “o trabalho lhes rendeu muito na qualidade do ofício aprendido”, e numa terra marcada por tantas adversidades, inclusive profissionais, muitas dessas mulheres “desempenharam funções de mestras, artesãs de flores artificiais, chapéus de palhas e rendas, além da tecelagem com o algodão” funções vistas como “os frutos colhidos do trabalho e da aprendizagem nas Casas de Caridade”. (NASCIMENTO, 2009, p. 124).

Para Almeida (2014, p. 36):

As Irmãs de Caridade trabalhavam em meio à calamidade vivenciada nas localidades que contavam com recursos insuficientes fornecidos pelo Estado para amenizá-la. A contribuição delas na obra missionária do Padre Ibiapina foi essencial para que ele conseguisse realizá-la, pois eram as mulheres que lideraram estas casas e que se responsabilizaram pela educação das órfãs. Dedicavam-se em tempo integral e sabendo, Padre Ibiapina, do caráter essencial de tais mulheres, lhes dirigiu grande parte do conteúdo de seu discurso para conduta moral que estas deveriam seguir.

Freyre (2000, p. 769), acredita que a continuidade das Casas de Caridade teria dado ao catolicismo social brasileiro “um vigor como que telúrico; uma base francamente brasileira à sua ação sem prejuízo nenhum da ortodoxia romana dos dogmas e dos ritos”.

Considerações

A vida e a obra de Padre Ibiapina, marcadas por sua atuação na vida pública e posteriormente nas suas missões evangelizadoras, estão permeadas por uma série de fatos importantes que visavam contribuir com o desenvolvimento dos sertões da região Nordeste e diminuir o sofrimento de um povo que enfrentava uma diversidade de mazelas socioeconômicas, provocadas por constantes secas, pelo abandono e o descaso do poder público e o flagelo da miséria. Suas práticas e ações eram marcadas por finalidades pautadas na evangelização e no fortalecimento do espírito dos sertanejos e levava esperanças por meio da fé e da caridade. Colaborava com hábitos de civilidade e auxílio mútuo encontrando ocupações para o povo nos mutirões para a construção de açudes, cacimbas, estradas, cemitérios e Casas de Caridade, entre outras obras que melhoravam a qualidade de vida e amenizavam o sofrimento da população.



As Casas de Caridade fundadas por Padre Ibiapina abrigavam principalmente meninas e moças pobres e órfãs e funcionavam a partir de um ideário socioeducativo baseado num Estatuto e Regulamento Interno elaborados pelo próprio padre, marcado por um conjunto de regras que visavam inculcar nas internas hábitos de civilidade, amor, fé e caridade, além do gosto pelo trabalho e uma educação com foco nas primeiras letras e prendas domésticas.

As obras destacadas neste trabalho denotam a importância do catolicismo popular vivenciado por Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste imperial. Nessa região marcada por tantas adversidades e dificuldades no final do século XIX, é inegável que as missões evangelizadoras e ações socioeducativas empreendidas pelo Padre Ibiapina mostraram-se como um alento e uma prova de amor evangélico no sentido cristão mais pleno e que colaboraram, mesmo que por pouco tempo, com a qualidade de vida da população carente, levando não só auxílio espiritual e material, mas também demonstrando preocupação e respeito pelo povo, principalmente no cuidado com as mulheres sertanejas. Talvez por isso, a presença do Padre Ibiapina ainda seja tão forte na memória de muitos dos lugares por onde ele passou.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, E. F. **Padre Ibiapina e as Casas de Caridade**: contribuições educacionais no nordeste do século XIX. Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares). Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

ANDRADE, M. O. **500 anos de catolicismos e sincretismos no Brasil**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

BEOZO, J. O. **História da Igreja no Brasil: Segunda Época – Século XIX**. Tomo II/2. Petrópolis: Edições Paulinas, 1985.

BEZERRA, O. L. **Trabalho, pobreza e caridade**: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do Nordeste. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARVALHO, E. L. T. **A missão Ibiapina**: a crônica do século XIX escrita por colaboradores e amigos do Padre Mestre atualizada com notas e comentários. Passo Fundo: Berthier, 2008.

COMBLIN, J. **Padre Ibiapina**. São Paulo: Paulus, 2011.

FREYRE, G. **Sobrados e mucambos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.



HOORNAERT, E. **Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina**. São Paulo: Ed. Loyola, 1981.

MARIZ, C. **Ibiapina, um apóstolo do Nordeste**. 2ª Ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1980.

NASCIMENTO, M C. M. **Filhas e irmãs do Padre Ibiapina: educação e devoção na Paraíba (1860-1883)**. Dissertação (Mestrado em História). João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2009.

OLIVEIRA, P. A. R. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PINHEIRO, R. S. L. **Sinhazinha Wanderley: o cotidiano do Assú em prosa e verso (1876-1954)**. Tese (Doutorado em Educação). Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.

SILVA, J. F. **A configuração da Moral Católica na Educação Feminina nos Estatutos das Casas de Caridade do Padre Ibiapina em Barbalha**. In CAVALCANTE, Maria Juraci Maia et al (Org.). **Histórias de mulheres: amor, violência e educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2015.

SILVA, S. V. **A Igreja e a questão agrária no Nordeste: subsídios históricos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.